Jornal da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro • Ano XXVII Nº 2 • Maio-Agosto 2026

INTERVALO ANALITICO

MATÉRIA DA CAPA

Inibição, sintoma e angústia e a dor do eu no mundo atual

"O que nos torna humanos? Talvez essa seja uma das questões mais urgentes do nosso tempo. Se algo nos define, não é apenas a capacidade de pensar, criar ou sobreviver, mas de sermos afetados pelo outro e pelo mundo."

Por Denise Salomão Goldfajn Página 3

FAZENDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

Preenchendo um vazio

"Para a prática clínica dos analistas que se aventuram por aquelas terras da desolação, é preciso desromantizar a loucura como, ao contrário, alguns de nós defendem."

Por Sergio Costa de Almeida página 4

PSICANÁLISE & CIA

Entrevista com Rosane Svartman

"Qual o real interesse de assistir uma personagem que está bem, em paz e feliz? Rende uma, duas cenas e depois?."

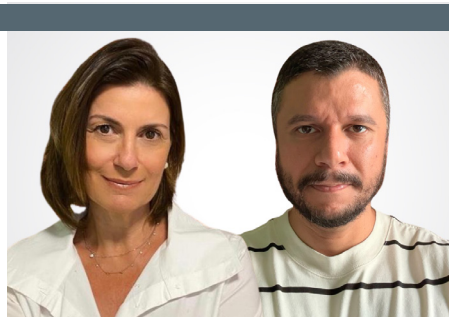
Por Simone Wenkert páginas 7 e 8

DIVAGAR É PRECISO

Como um peixe fora d'água

"Acolher peixes fora d'água, talvez seja uma prosaica condição humana, em que acolher o outro é sempre, de algum modo, acolher um estrangeiro.."

Por Maysa Balduino páginas 10



O que fazemos com a nossa angústia?

Este número nasce como um convite: reler Freud, cem anos depois de Inibição, sintoma e angústia (1926), e, ao mesmo tempo, deixar-se surpreender pela vitalidade com que essa obra ainda atravessa nossa clínica e nossa cultura. Publicado em um contexto histórico marcado pelo desamparo coletivo e atravessado pela experiência pessoal de sofrimento do próprio Freud, o texto permanece notavelmente atual ao nos convocar a pensar a vulnerabilidade como dimensão constitutiva do humano.

Abrindo a revista, Denise Salomão Goldfajn nos conduz por esse percurso ao articular a teoria freudiana com o mundo contemporâneo, atravessado por guerras, desigualdades e fragilização dos vínculos. A angústia aparece como expressão da condição humana, inseparável da dependência e da possibilidade de ser afetado pelo outro, recolocando a questão ética do cuidado e da responsabilidade.

Em "Fazendo a História", Sergio Almeida nos leva a um território mais árido e, justamente por isso, tão necessário: o das psicoses e dos excessos pulsionais que escapam à simbolização. Ao retomar a dimensão quantitativa da teoria freudiana, ele nos convida a pensar os limites da simbolização e os desafios clínicos que emergem quando o eu se encontra fragilizado diante de forças que o ultrapassam.

Já Ana Carolina Vieira, no "Espaço dos Alunos e MPs", nos oferece um texto sensível e íntimo, em que a teoria encontra a experiência vivida. A narrativa mostra como uma palavra, ao nomear a dor, pode retirá-la do indizível e inaugurar um trabalho psíquico que se desdobra ao longo da vida. A angústia, longe de ser eliminada, é tomada como convocação à elaboração.

Em "Psicanálise e Cia.", a entrevista com Rosane Svartman amplia o diálogo da psicanálise com a criação artística. A autora destaca o conflito, a vulnerabilidade e o desamparo como motores narrativos, sublinhando a potência da ficção como espaço de elaboração simbólica e reconstrução dos laços sociais.

Já em "Divagar é Preciso", Maysa Balduino retoma o livro Maria e os refugiados, de Maria Noel Brena. A partir da imagem do "peixe fora d'água", seu texto nos aproxima da experiência de estrangeiridade e da capacidade humana de acolher o que nos é estranho, no outro e em nós mesmos, sem destruí-lo.

E, em "Homenagem à Vida", Simone Grinapel Prais nos emociona ao revisitar a trajetória de Jeremias Ferraz Lima. Mais do que um percurso profissional, encontramos ali a marca de uma presença clínica que segue viva naqueles que com ele aprenderam.

A partir deste número, inauguramos também a coluna "Aconteceu na SBPRJ", um espaço dedicado a reunir os principais eventos da Sociedade – um convite a acompanhar mais de perto a vida institucional e o movimento vivo da psicanálise entre nós.

Que esta edição possa ser lida como um percurso: entre teoria e experiência, clínica e cultura, memória e criação. E, sobretudo, como um convite a sustentar, com Freud, a pergunta que ainda nos inquieta – quais os destinos que damos, hoje, à nossa angústia?

// Simone Wenkert Rothstein
simonewr@rotx.com.br
// André Luiz Vale
alavale88@gmail.com

Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro
SBPRJ

Filiada à Febrapsi, Fepal e IPA
sbprj.org.br

Siga-nos e se inscreva em nosso canal:

@SBPRJ
@sbprjoficial
@CanaldevídeosSBPRJ

INTERVALO ANALÍTICO
Editora: Simone Wenkert Rothstein/ **Coeditor:** André Luiz Vale/ **Colaboradores do Intervalo Analítico:** Adriana Lasalvia, Bianca Boltje, Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues, Henrique Goldenstein / **Projeto Gráfico:** Fantastico Studio di Design **/ Editoração:** Celyne Maués / **Revisão Ortográfica:** André Luiz Vale

As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2025
Copresidentes: Marcela Ouro Preto Santos e Maria Noel Brena Sertã; **1ª Secretária:** Isabel Pessoa; **1ª Tesoureira:** Adriana Lasalvia; / **Instituto de Formação Psicanalítica:** Simone Grinapel Prais (Diretora), Margaret Waddington Binder (Vice-Diretora), Renata Martinelli (Secretária) / **Conselho Científico:** Mariana Neustein (Diretora), Gisela Gorrese (Secretária) / **Conselho Profissional:** Miguel Calmon du Pin e Almeida (Diretor), Maria de Fátima Amin (Secretária) / **Clínica Social:** Marina Miranda (Diretora), Monique Ribeiro de Assis (Secretária) / **Centro de Estudos Psicanalíticos:** Maria Fernanda Borges Rossi (Diretora), Haydée Côrtes de Barros S. Pina Rodrigues (Secretária) / **Departamento de Divulgação:** Eliane Marcellino (Diretora), Ana Luiza B. Fernandes (Secretária) / **Departamento de Difusão da Psicanálise:** Maria Lucia Moret (Diretora), Patrícia Borges de Figueiredo (Secretária) / **Departamento de Comunidade e Cultura (DCC):** Eloá Bittencourt Nóbrega (Diretora), Cristiane Blaha (Secretária)

Da angústia ao humano: *Inibição, sintoma e angústia* e a dor do eu no mundo atual

Foi em um momento histórico marcado pela fragilidade que Sigmund Freud publicou, em 1926, *Inibição, sintoma e angústia*. A Viena em que escrevia já não era a capital do poderoso Império Austro-Húngaro, mas uma cidade profundamente transformada pela devastação da Primeira Guerra Mundial. A inflação, a pobreza, os deslocamentos populacionais, os traumas dos combatentes e a perda das referências culturais produziram um sentimento coletivo de incerteza e desamparo. Ao mesmo tempo, Freud enfrentava uma experiência pessoal igualmente dramática: lutava contra um câncer de mandíbula, submetia-se a sucessivas cirurgias e elaborava importantes perdas familiares. Sua reflexão teórica nasce, portanto, do encontro entre a observação clínica e uma realidade histórica marcada pela vulnerabilidade.

É nesse contexto que Freud realiza uma das mais importantes reformulações metapsicológicas da psicanálise. Até então, compreendia a angústia como consequência do recalque, decorrente do conflito pulsional e da dinâmica intrapsíquica do sujeito. Em *Inibição, sintoma e angústia*, ele inverte essa lógica: a angústia passa a ser concebida como um sinal de perigo produzido pelo ego, mobilizando defesas destinadas a proteger o sujeito diante da ameaça de um colapso psíquico. A angústia deixa de ser apenas o efeito do recalque para tornar-se um mecanismo de antecipação e proteção frente ao perigo. No centro dessa reformulação encontra-se o conceito de desamparo (*Hilflosigkeit*), experiência originária que acompanha o ser humano desde o nascimento e permanece como matriz das situações traumáticas ao longo da vida. Em uma sociedade profundamente abalada pela guerra e pela perda de referências, Freud reconhece que o sofrimento psíquico não pode ser compreendido sem considerar essa vulnerabilidade constitutiva e relacional da condição humana.

Quase um século depois, essa concepção revela notável atualidade. Vivemos em uma época marcada por guerras, migrações forçadas, mudanças climáticas, racismo, antissemitismo, misoginia, violência política, exclusão social e profundas desigualdades econômicas. A essas experiências somam-se novas formas de sofrimento decorrentes da hiperconectividade, da aceleração do tempo, da cultura do desempenho e da crescente fragilidade dos vínculos sociais.

O que nos torna humanos? Talvez essa seja uma das questões mais urgentes do nosso tempo. Se algo nos define, não é apenas a capacidade de pensar, criar ou sobreviver, mas de sermos afetados pelo outro e pelo mundo. É na dependência, na vulnerabilidade e na busca por reconhecimento que se constitui a experiência humana. A mesma condição que nos permite amar, criar vínculos e construir cultura é também aquela que nos expõe à perda, ao trauma e ao sofrimento. A dor do eu no mundo atual não representa um desvio da condição humana; ao contrário, constitui uma de suas expressões mais profundas.

Retomar Freud, quase um século depois, é reconhecer que a pergunta sobre a angústia permanece inseparável da pergunta sobre nossa humanidade. Em um tempo atravessado por múltiplas formas de violência e desamparo, talvez aquilo que nos torne verdadeiramente humanos não seja a capacidade de evitar a dor, mas de compartilhá-la, simbolizá-la e transformá-la em pensamento, cuidado e responsabilidade ética diante do outro. É nesse horizonte que se inscreve a reflexão sobre a dor do eu no mundo atual.

// Denise Salomão Goldfajn

Psy.D., psicanalista, doutora com pós-doutorado em Psicologia Clínica, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Integrante do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi (GBPSF). Fundadora do Instituto Brasileiro de Psicanálise e Psicoterapia Relacional (IBPPR). Editora da revista Trieb (SBPRJ). Autora e coorganizadora de Escutando Ferenczi: a arte da psicanálise (Blucher, 2023). Atua como clínica e supervisora.
dsgoldfajn@gmail.com

Preenchendo um vazio

"Somos forçados à conclusão de que a tendência a um conflito é algo especial, algo recentemente adicionado à situação, sem considerar *a quantidade* de libido. Uma tendência ao conflito desse tipo, a emergir independentemente, dificilmente pode ser atribuída a algo que não seja a intervenção de um elemento de *agressividade livre*." (Freud, 1937, p. 275)[1]

Onze anos antes da publicação desta obra extraordinária da qual retiramos um excerto à guisa de epígrafe, Freud publica uma de suas principais obras, *Inibição, sintoma e angústia*, cujo centenário comemora-se este ano. Reconhecida e ensinada como reformuladora da primeira teoria da angústia, ou seja, não seria o recalque que gera a angústia e sim o contrário – esta o deflagra –, o texto envereda por trilhas teóricas importantes: as noções de angústia automática e angústia sinal, as discordâncias com Rank e a importância do ego na constituição de um psiquismo saudável e operativo. O que nos chama a atenção, entretanto, é a seguinte frase: "É altamente provável que as causas precipitantes imediatas das repressões primitivas sejam fatores quantitativos, tais como uma força excessiva de excitação e o rompimento do escudo protetor" (Freud, 1926, p. 116)[2].

Eis aí a questão – o que autor quereria dizer com *fatores quantitativos*? Quatro parágrafos adiante, afirma que o ego controla o caminho para a ação e o acesso à consciência. E o que ocorre com esta instância psíquica quando sua "energia dessexualizada para agregar, unificar e sintetizar" (p. 117) encontra-se esfacelada, fragmentada? Quando a angústia automática (um dos notáveis conceitos dessa obra), afetada por um excesso de excitações, depara-se com um ego friável, esgarçado, e assim comprometido nas suas funções de síntese, agregação e unificação? A resposta não pode ser outra: entramos no terreno das psicoses. Aliás, estou absolutamente de acordo com Lacan ao dizer que "O eu torna-se não só o centro, mas a causa do distúrbio [psicótico]" (p. 125)[3].

Se existe algo na teoria psicanalítica que me instiga como psiquiatra e psicanalista, é não encontrar nos diferentes sítios de discussões entre colegas uma atenção a este tema tão importante e, ao menos para mim, pouco debatido entre nós. Creio que sua falta, isto é, a problemática das quantidades, limita o entendimento das psicoses, dos casos-limites mais graves ou das drogadicções severas, nos quais detectamos um aparelho psíquico assolado por excessos – quantidades irrepresentáveis psiquicamente. Excessos, quero dizer, descargas pulsionais deslibidinizadas, atos psíquicos sem compreensão, apenas explicáveis, afetos e representações esvaziadas de sua carga simbólica e representatividade interpessoal. Urgências, imediatismos sem limites, vocalizações sem sentido e impenetráveis ao diálogo, paroxismos em vão, corpos disformes e caricatos. Não existe o amansamento libidinal preconizado por Freud, em 1924[4]: a pulsão de morte protagoniza este drama de horror. Um mundo onde não existem dúvidas, apenas as certezas delirantes ainda em hibernação; as angústias são insopitáveis, descontroladas, aberrações... Ou resta o vazio, o estupor melancólico, as inibições e as catalepsias da catatonia mortal de Stauder. Ou então aquele momento em que o representante-representação (*Vorstellungsrepräsentanz*, Freud) transforma-se em representação delirante (*Whanvorstellung*, Karl Jaspers). No capítulo V desta senhora, cujo centenário celebramos, seu autor nos deixa uma lição irrepreensível: "Mais uma vez encontramos aqui a ilustração da verdade, de que todo *exagero* contém a semente de sua própria perdição" (Freud, 1926, p. 138).

Para a prática clínica dos analistas que se aventuram por aquelas terras da desolação, é preciso desromantizar a loucura como, ao contrário, alguns de nós defendem. A loucura na sua essência é vazia, anormal, desde que não a confundamos com o pluralismo humano das emoções intensas que permitem trocas intersubjetivas. O que nós muitas vezes consideramos louco já são tentativas de cura, como o famigerado mestre vienense afirmava nas páginas finais do seu célebre artigo "O inconsciente"[5]. No início das graves psicoses avulta uma angústia incomensurável, uma vivência de perplexidade de tal monta que

"A loucura na sua essência é vazia, anormal, desde que não a confundamos com o pluralismo humano das emoções intensas que permitem trocas intersubjetivas."

leva à falta do reconhecimento de si mesmo – é a conhecida *total perplexidade* (*Ratlösigkeit*) de autores alemães dos anos 30 do século passado, ou o Trema (*das Trema*), a primeira das cinco fases sequenciais dos surtos esquizofrênicos, descrito por Klaus Conrad na sua instigante obra *A esquizofrenia incipiente* (1958)[6].

O último capítulo deste texto metapsicológico, de 1915, supracitado, é de uma riqueza tal, sobretudo quando lemos aí que a libido (pulsão de vida) se retrai de representação-coisa, retornando a seguir através do investimento na representação-palavra. Mas nosso primeiro mestre é um autor de parcialidades e não de totalidades, como ensinava Vitor Manoel de Andrade, a obra freudiana vai erigindo-se como uma espécie da Catedral da Sagrada Família, do célebre arquiteto catalão, na qual às descobertas anteriores se acrescem novas formulações que ampliam o entendimento dos enunciados seguintes. Há certo momento no psiquismo em que a libido, retraindo-se da representação acima citada, expõe o aparelho mental ao sabor da pulsão de morte com seu cortejo sintomático derivado, o que condiz com a afirmação da *agressividade livre* da epígrafe acima.

Gostaria de ressaltar o quanto a teoria freudiana, com alguns textos a partir de 1922, enriqueceu a etiopatogenia das psicoses ao incluir na sua pensabilidade o fator econômico, digo, as quantidades. Sustento que não é somente o discurso de um paciente que define a gravidade de um caso; é mais o seu comportamento. Suas angústias indizíveis, exasperações excruciantes, falatório inexprimível e psicomotricidade errática nos assinalam um exagero incompreensível e tanático, uma agressividade livre e mortífera. Recordemo-nos de alguns pacientes célebres da história da Psicanálise – Otto Gross, Viktor Tausk, o barão Viktor von Dirsztay, Carl Liebman, Emil Schwyzer – enfim, uma lista de pacientes inteligentes, eruditos e até médicos e psicanalistas, cuja vida de excessos pelo mundo afora terminara em suicídio.

Para encerrar, um tema que os psiquiatras atuais parecem ter esquecido. Em 1953, Hans Landolt, neurologista suíço, descreveu um interessante fenômeno que atingia pacientes epilépticos graves e refratários aos tratamentos convencionais das crises convulsivas. Subitamente, estes pacientes normalizavam o traçado eletroencefalográfico, porém desenvolviam surtos psicóticos com severa atividade alucinatório-delirante; este fato ficou conhecido como normalização forçada de Landolt.

Seria demasiado ou impertinente indagar o porquê daquelas energias e disparos neuronais incontroláveis, rebeldes às terapêuticas adequadas e expressos nas convulsões persistentes, encontrar um canal de descarga justamente através de um quadro psicótico? Ocorre-me pensar que a via de descarga neuronal mudou do neuromuscular para o mental – a crise psicótica – e assim conjecturar a existência de outros caminhos para as quantidades pulsionais. Bem sei que é mera especulação, mas suponho que entre o somático e o psíquico existem coisas que ainda não ousa sonhar nosso vão conhecimento.

Por fim, mais uma soberba lição do *Herr Professor*: "Qualquer um que pudesse conseguir eliminar ainda mais completamente suas convicções pré-existentes, descobriria, sem dúvida, ainda mais coisas como estas" (Freud, 1918[1914], p. 25)[7].

---

[1] Freud, S. (1937). Análise terminável e interminável. In S. Freud, ESB (v. XXIII). Imago.

[2] Freud, S. (1926). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, ESB (v. XX). Imago.

[3] Lacan J. (1985). O Seminário, Livro 3, As Psicoses. Jorge Zahar. (Seminário de 1955-1956).

[4] Freud, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, ESB (v. XIX). Imago.

[5] Freud, S. (1915). O inconsciente. In S. Freud, ESB (v. XIV). Imago.

[6] Conrad, K. (1958). La esquizofrenia incipiente: intento de un análisis de la forma del delírio. Alhambra.

[7] Freud, S. (1918[1914]). História de uma neurose infantil. In S. Freud, ESB (v. XVII). Imago.

// Sergio Costa de Almeida
Psiquiatra e Psicanalista, Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).
sergio8almeida@gmail.com

Em carne viva: o tempo de uma palavra

Há palavras e experiências que atravessam uma vida inteira até encontrar um lugar. É na possibilidade de voltar a elas, de escutá-las e vivê-las novamente na presença de um outro, que deixam de ser apenas dor e passam a integrar a história de quem as vive.

Aos 11 anos, senti uma dor no peito e pedi ajuda à minha mãe. Ela respondeu: "Isso é angústia". Foi a primeira vez que ouvi a palavra "angústia". A dor não desapareceu, mas ganhou um nome e, com isso, algum alívio. Não foi apenas o nome que produziu efeito, mas o fato de ter vindo pela voz dela. A minha mãe não era psicanalista, a sua frase não veio acompanhada de referências bibliográficas, mas provocou algo em mim. A palavra não curou a angústia, mas a retirou do indizível. Entre o vazio que aperta o peito e a urgência de lhe dar um destino, às vezes é justamente um nome que cria um intervalo em que algo pode ser pensado.

Anos depois, a dor voltou. Não igual, mas familiar. Por mais que eu tenha estudado sobre angústia, foi vivendo cada sintoma na minha própria pele que eu realmente entendi o que significava. Fui obrigada a me perguntar sobre meu próprio sofrimento. Ver-me do avesso, em carne viva. Vi a dor interrompendo a ilusão de que eu sabia quem era, de que eu havia "dominado" aquilo que me assombrava na infância. Achei que tivesse deixado aquela menina para trás ou, pelo menos, a forma crua e concreta daquela experiência, mas o meu corpo discordou.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud propõe que a angústia não é apenas um afeto a ser eliminado. A questão talvez não seja eliminá-la, mas perguntar o que ela vem exigir de nós. Ela sinaliza um perigo e convoca o aparelho psíquico a um trabalho doloroso. Talvez a angústia seja menos o anúncio de uma catástrofe e mais o colapso de uma forma de nos compreendermos. Ela nos obriga a fazer perguntas, a abandonar respostas que já não servem, antes mesmo de sabermos quais as substituirão.

Hoje penso que minha mãe não me explicou a angústia, mas me presenteou com uma palavra que só décadas depois eu pude compreender. Talvez algumas palavras sejam assim: apesar de acertadas, chegam cedo. Em análise, percebi que algumas palavras não nos livram da experiência, elas permanecem à espera do momento em que finalmente podemos habitá-las. E talvez habitá-las seja permitir que encontrem um lugar em nossa existência. Mas nenhuma palavra produz efeitos sozinha. O seu efeito depende também de quem a pronuncia, de quem a escuta e da relação que se constrói entre ambos. Se, na infância, foi a voz da minha mãe que deu um primeiro contorno à dor, na vida adulta foi a análise que permitiu que aquele dizer continuasse o seu trabalho. Para aquela menina e para a mulher que hoje escreve estas linhas, a palavra permaneceu a mesma. O que mudou foi a possibilidade de pensá-la.

// Ana Carolina Vieira
Doutora em Psicologia Clínica e aluna do Instituto de Formação da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ).
anacaroldiasvieira@gmail.com

Angústia

Entrevista com **Rosane Svartman**

Doutora em Comunicação – Cinema (UFF). Dirigiu os longas metragens "Como Ser Solteiro" (1998), "Mais Uma Vez Amor" (2005), "Desenrola" (2011), "Tainá 3" (2013) e "Pluft, o Fantasminha", "Câncer com Ascendente em Virgem" (2025), "(Des)Controle" (2026). Dirigiu e escreveu séries para GNT, Canal Futura, Multishow e para a TV Globo, onde também é autora das séries "Dicas de um Sedutor" (2008), "Vick e a Musa" (2024) e "Vermelho Sangue" (2025). É autora das telenovelas "Malhação" (2012/3 e 2014/5), "Totalmente Demais" (2015/6), "Bom Sucesso" (2019/2020), "Vai na Fé" (2023) e "Dona de Mim" (2025/2026). Tem 2 indicações ao Emmy Digital, uma ao Emmy Kids – Melhor Série e uma ao Emmy Internacional – Melhor Telenovela, além de uma indicação ao Rose D'Or de melhor telenovela.

Rosane, bem vinda! Que bom ter a oportunidade de conversar um pouquinho com você e tê-la aqui neste Intervalo Analítico, que homenageia o centenário de um dos textos mais importantes de Freud, "Inibição, Sintoma e Angústia". Essa é uma obra complexa e fundamental, na qual Freud desenvolve, entre outras ideias, a noção de que a angústia está profundamente ligada à experiência de desamparo.

Pensando nas relações entre o Eu, a angústia, os sintomas contemporâneos e as formas que encontramos para elaborar o sofrimento humano, acreditamos que sua experiência como autora e diretora certamente traz uma perspectiva muito rica sobre algumas dessas questões, por isso este convite. Então, vamos lá:

IA: Em suas novelas, séries e filmes, você frequentemente cria personagens que atravessam momentos de crise, vulnerabilidade e transformação. O que mais lhe interessa nesses momentos, em que as certezas vacilam e os personagens parecem confrontados com algum tipo de desamparo?

RS: A narrativa clássica é construída através do conflito. É o desejo da personagem e a impossibilidade de alcançar esse desejo que impulsiona a história pra frente. Esse conflito pode surgir através de antagonistas, obstáculos internos ou externos. Qual o real interesse de assistir uma personagem que está bem, em paz e feliz? Rende uma, duas cenas e depois? Caso eu comece uma história dessa forma, com uma personagem em equilíbrio, certamente trarei algo que vai fazer essa paz interior (e exterior) ruir. A identificação do público, acredito, vem também do interesse em acompanhar o que não pode totalmente prever, apenas intuir. Portanto, personagens com inquietações, conflitos internos, traumas, enfim, rendem ótimas histórias porque tudo isso influencia como esta personagem vai superar seus obstáculos.

IA: Podemos dizer que o público se identifica mais com personagens que têm seus conflitos expostos, o seu desamparo insinuado na trama?

RS: Com certeza. Uma falha trágica, por exemplo, traz empatia e também pode trazer identificação.

IA: Freud considerava a criação artística como a forma mais sublime de elaboração psíquica e a nomeou "sublimação". Na sua experiência, o processo criativo tem também essa dimensão de elaboração subjetiva? De que maneira você acha que se passa a elaboração na sua criação?

RS: Nem sempre as escolhas artísticas são feitas de forma consciente durante a elaboração de uma narrativa e a reflexão sobre o significado de cenas, diálogos e imagens vem geralmente depois. Uma história terá sempre leituras diversas que surgirão através da recepção dessa obra. Nesse sentido, na minha opinião, o poder está com o receptor. É o público, de forma individual e coletiva, que vai dar significado à obra, influenciado por suas próprias experiências e textos.

IA: Escrever é, de certo modo, habitar muitas subjetividades. Ao criar personagens tão diferentes entre si, o que acontece com a autora? Existe algo de suas próprias inquietações, conflitos ou perguntas que inevitavelmente encontra lugar na escrita?

RS: Sempre coloco minhas próprias inquietações na construção de personagens, de forma consciente ou não. Acho que faz parte do ofício de criadora de histórias respeitar a minha intuição. Assim, apostamos que nossas inquietações são as mesmas que de uma parcela da audiência e que isso vai despertar o interesse para a obra. Por exemplo, o medo de envelhecer, de sofrer uma violência, de ver um ente querido em perigo, a ansiedade diante do desconhecido, a fé e a dúvida de como você vai reagir diante de uma situação limítrofe... Aos meus medos, interesses, desejos, conflitos pessoais se somam as inquietações, sonhos e angústias das pessoas que participam comigo da elaboração do roteiro. Para realmente render uma boa história, somo essas inquietações ao "e se...". E se a personagem sofrer um acidente com sequelas? E se ver um ente querido morrer? E se ganhar na loteria?

IA: Grande parte de sua obra aborda temas ligados à adolescência, à construção da identidade e aos desafios do pertencimento. Você tem a impressão de que os jovens de hoje enfrentam formas específicas de angústia? O que mudou e o que permanece semelhante às gerações anteriores?

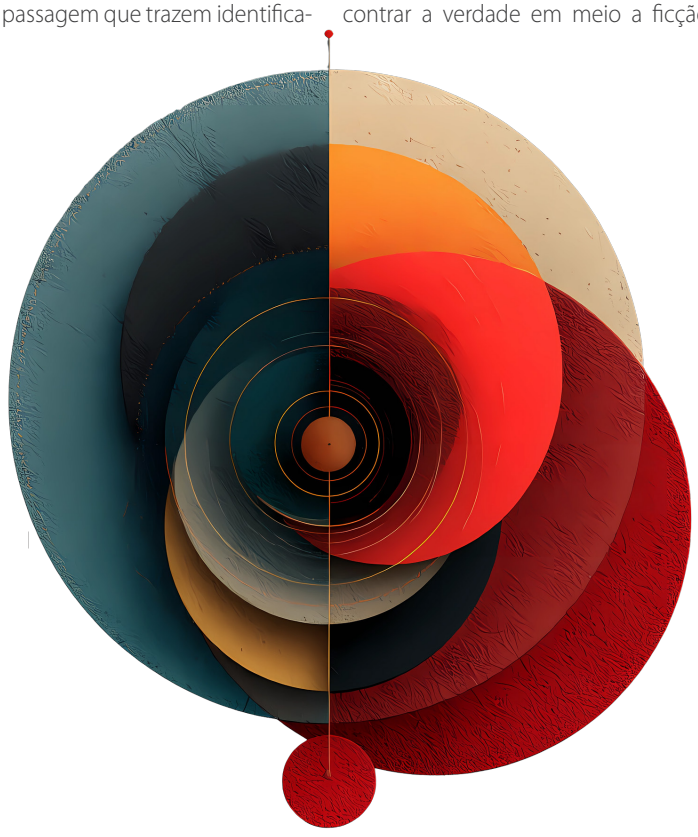
RS: Lembro que na pesquisa para o filme "Desenrola", que trata do universo adoles-

"Ninguém é uma coisa só, todo mundo tem camadas e contradições. Acredito que a maioria das pessoas quer ser melhor, quer se orgulhar de suas atitudes e, na nossa sociedade, isso tem a ver com empatia e respeito."

cente e que foi lançado no ano de 2011, eu e a roteirista Juliana Lins nos impressionamos mais com o que tínhamos em comum com as centenas de adolescentes que entrevistamos do que com o que tínhamos de diferente. A gente esperava um abismo maior entre as gerações. Certamente a aceleração da comunicação, a vida permeada e filtrada pelas telas, a fronteira esgarçada entre o público e o privado, tudo isso é um grande diferencial que influencia diretamente o que é ser adolescente hoje, mas algumas "primeiras vezes" ou rituais de passagem, aprendemos, permanecem. São esses ritos de passagem que trazem identificação entre as gerações.

IA:O filme "Descontrole" se centra num momento de vida de uma mulher alcoolista. Vocês trataram o tema do alcoolismo de uma forma muito sensível, fugindo do olhar preconceituoso e moralista, trazendo ao expectador uma mulher complexa, afetiva e frágil. Não é fácil trazer pra telona a dor da angústia, do desamparo como vocês conseguiram com a Kátia, a personagem principal. Como foi esse processo?

RS: O processo de "Descontrole" foi tentar encontrar a verdade em meio a ficção. Enfim, pode haver muita verdade em um filme de ficção (e muita mentira em um documentário). A estratégia foi de pesquisa e escuta. Escuta para mim significa acolher experiências pessoais de todos os envolvidos no processo, inclusive dos intérpretes, e tentar traduzir essa verdade da melhor forma pra tela. Iafa Britz, musa e idealizadora do projeto, esteve presente no set de filmagem e foi um farol nesse sentido, de buscar a verdade. Carolina, que interpretou Kátia Klein, tinha muito o que contribuir como atriz e também por sua experiência de vida.



IA: Muitas de suas histórias conseguem abordar questões difíceis sem abrir mão da esperança. Em tempos marcados por polarizações, violência e incertezas, qual você acredita ser o papel da ficção?

RS: Acredito que a ficção pode ajudar a reconstruir nosso tecido social através da conexão humana que as histórias trazem. Ou seja, através do simbólico podemos buscar o que temos em comum. Ninguém é uma coisa só, todo mundo tem camadas e contradições. Acredito que a maioria das pessoas quer ser melhor, quer se orgulhar de suas atitudes e, na nossa sociedade, isso tem a ver com empatia e respeito. Acho que essa polarização e a busca incansável – diria até que impossível – por coerência têm um ingrediente artificial, seja pela percepção de sentimentos exacerbados online que tem relação direta com algoritmos sobre os quais não temos controle, seja pelo excesso de telas em detrimento de conexões reais.

// **Simone Wenkert Rothstein**
Membro associado da SBPRJ
simonewr@rotx.com.br

Como um peixe fora d'água

Em entrevista para o portal migramundo.com, Maria Noel Brena, autora do livro Maria e os refugiados, revelou que "o fantástico do livro nasceu de uma lembrança de infância: encontrar um peixinho em seu quintal, longe do mar. Entre as hipóteses imaginadas, a mais bonita era a de uma gaivota que, sem querer – ou talvez por arrependimento – deixou cair sua pesca do dia. A imagem permaneceu viva dentro dela e, anos depois, transformou-se em literatura".

Fiquei pensando que isso que parece fantástico: acolher peixes fora d'água, talvez seja uma prosaica condição humana, em que acolher o outro é sempre, de algum modo, acolher um estrangeiro.

Em Inibição, sintoma e angústia (1926), Freud postula que a angústia surge diante da experiência de desamparo e da ameaça de perda do objeto de cuidado. O bebê humano é, desde o início, um "peixe fora d'água": absolutamente dependente, estrangeiro no mundo, incapaz de sobreviver sozinho fora do útero.

Talvez por isso a imagem dos peixinhos no quintal seja tão comovente. Ela toca algo muito primitivo em nós: a experiência de encontrar um ser deslocado de seu habitat, vulnerável, sem garantias de sobrevivência. E a forma como Maria reage é profundamente humana. Como uma mãe suficientemente boa, a menina que se sentiu cuidada passa também a cuidar do seu quintal e daquilo que nele aparece como estranho. Ela se adapta em balde para garantir a sobrevivência dos peixes.

Nesse realismo fantástico, ao falar de peixes, a autora concretiza a experiência emocional de quem muda de país, de cidade, de escola, de língua ou de vida e destaca para o leitor que a angústia é sempre estrangeira, literalmente como a de um peixe fora d'água.

A forma como as pessoas locais reagem à alteridade diz muito sobre sua constituição emocional. Freud mostra que, diante do estranho, do desconhecido e da dependência, podemos reagir com recusa, angústia ou inibição. Mas também podemos desenvolver recursos psíquicos para acolher o desamparo sem precisar destruir aquilo que nos inquieta. É exatamente isso que Maria nos ensina.

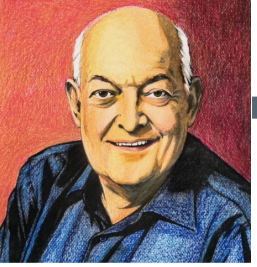
É bonito acompanhar Maria e pensar que o quintal representa essa parte de si que os adultos não conheciam: seu estrangeiro mundo interno. Tomar posse da solidão, da imensidão do céu e conviver com "insetos que pinicam", constrói, aos poucos, a capacidade de cuidar do nosso lado B. São essas pequenas experiências, como brincar e sonhar, que transformam "peixes" em humanos.

E por falar em sonho, a ilustração em aquarela de Jonathas Martins reforça essa dimensão onírica. As imagens parecem não ter bordas rígidas, como se não houvesse fronteiras definitivas e todos pudessem pertencer. Há ali uma abertura delicada para vínculos que ultrapassam nacionalidades.

Esse belo livro ilustrado mostra que, quando existe um exercício cotidiano de acolhimento da fragilidade, nos tornamos capazes de sonhar o sonho do outro. Como analista, Maria me inspira no ofício clínico: cada sessão é uma oportunidade de escutar o inconsciente – esse estrangeiro interno que insiste em desenhar sonhos e escrever através daquilo que ainda não encontrou palavras.

// Maysa Balduino
Psicanalista clínica, membro associada da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ), professora de Teoria Freudiana na residência médica de Psiquiatria da Clínica Pax.
maysabalduino@me.com

Maria e os refugiados
Autores: Maria Noel Brena (texto) e Jonathas Martins (ilustrações)
Cambucá, 2026.



Dr. Jeremias Ferraz Lima (1946-2026)

Especialmente grata pela oportunidade de homenagear o grande mestre, médico psiquiatra e psicanalista Jeremias Ferraz Lima, dou-me conta de que ele esteve presente no início da minha trajetória profissional, assim como eu estive presente no final da sua carreira. Ele foi um dos meus primeiros mestres no IPUB, quando eu cursava o sexto ano de Medicina e era monitora de Psiquiatria na querida UFRJ. E eu, exercendo o cargo de diretora do Instituto da SBPRJ, tive a honra de conduzir, em Assembleia, sua merecidíssima qualificação para Membro com Funções Específicas. Essa associação me parece quase uma imagem poética, em sintonia com o lado fotógrafo de Jeremias, que realizou uma exposição intitulada "Digitais do Tempo" para falar das marcas que o tempo deixa nos objetos.

Neste momento, encontro-me pensando e vendo as digitais que Jeremias deixou em cada um de nós. A primeira imagem que me vem à mente é a de Jeremias conversando com um paciente diagnosticado com esquizofrenia paranoide, enquanto os cinco monitores de Psiquiatria tinham o privilégio de assistir o atendimento para aprender, através de um vidro especial que permitia apenas nossa escuta e nossa visão.

Unindo isso a um tema tão caro a Jeremias – a inspiração – vejo nessa cena o nascimento do meu encantamento, inspirado por aquele profissional tão humano, com seu ouvido atento e seu olhar próximo daquele que sofria. Não sou capaz de lembrar as palavras exatas da conversa de Jeremias naquela ocasião, mas lembro-me de quanto aprendi ao vê-lo atuar, ao vê-lo exercer sua profissão. Busquei apreender, nas entrelinhas, como acontecem esses encontros capazes de iluminar caminhos e oferecer ajuda nos trajetos tortuosos da alma humana. O privilégio de olhar através das lentes de Jeremias – que, ainda criança, ganhou de seu pai uma máquina fotográfica – deixa em nós marcas que o tempo felizmente não apaga e que, ao contrário, as eternizam.

Jeremias nos deixa livros, palestras, fotografias tocantes e, com profundo reconhecimento, agradecemos e nos despedimos dele, que agora passa a habitar nossas mentes e nossos afetos.

// Simone Grinapel Prais
Diretora do Instituto de Formação
da Sociedade Brasileira
de Psicanálise do RJ (SBPRJ)
sgprais@icloud.com

Aconteceu na SBPRJ

Foto 1: 12/03/2026 Abertura do ano letivo do Instituto da SBPRJ - Exercício Clínico com Admar Horn, Fatima Amin e Miguel Calmon / Foto 2: 19/03/2026 "O mundo inteiro numa ostra. Rumo a uma cartografia psicanalítica". Com Mariano Horenstein / Foto 3: 09/04/2026 Sessão Clínica com Dany Daddoich e Sergio Nick / Foto 4: 11/04/2026 Atividade online "Ética e diversidade de gênero" com Marco Posadas e Eloá Bittencourt / Foto 5: 13/04/2026 Dep. Difusão da Psicanálise na Puc-Rio "Apresentando a Formação em Psicanálise na SBPRJ" com Lucia Moret e Pilar Lima / Foto 6: 18/06/2026 Reunião científica "Onde está o pesquisador no analista?" com Thaís Klein e Silvia Abu-Jamra Zornig; / Foto 7: 01/08/2026 Dep. Comunidade e Cultura "Diálogos e escutas sobre ética e psicanálise" com Ana Paula Alves Ribeiro / Foto 8: 08/08/2026 Apresentando a Formação em Psicanálise na SBPRJ.